

A LEITURA COMO INCLUSÃO SOCIAL: AS CAMADAS POPULARES E OS CLÁSSICOS

Ana Maria de Oliveira
EJA
UFSM – RS

Resumo: O assunto a ser abordado neste texto é a relação entre as camadas populares e o seu acesso à leitura dos clássicos da literatura, como forma de inclusão social. O interesse por este tema possui estreita ligação com o trabalho do Grupo de Pesquisa **Literatura e Autoritarismo** da UFSM, coordenado pela professora Rosani Ketzer Umbach e pelo professor Jaime Ginzburg (UFES), do qual faço parte. O objetivo principal desse projeto é trabalhar com obras literárias em contextos autoritários, analisando condições de produção e recepção. Assim, proponho-me a tecer algumas considerações a respeito da relação entre as camadas populares e os clássicos, dentro da sociedade brasileira, marcadamente antidemocrática. Tais considerações estão baseadas em atividades desenvolvidas com alunos pertencentes às classes populares.

Em artigo publicado no jornal *A Toga*, Porto Alegre, abril de 1967, Flávio Aguiar assim escreveu¹: “Um estudo da arte contemporânea conduzirá fatalmente a um de seus pontos mais críticos: o hiato existente entre a arte e a grande massa da população”. Passados mais de trinta anos dessa análise, olhamos para a sociedade brasileira e constatamos que o hiato não se transformou em ditongo. A analogia pode ser improvável do ponto de vista gramatical, mas é tão provável quanto necessária do ponto de vista social, se quisermos ter seres humanos menos brutalizados.

Em sociedades como a nossa, cujos traços característicos são a exclusão e o autoritarismo, as oportunidades culturais não chegam de igual forma a todas as camadas sociais. E de maneira mais difícil a literatura, por se tratar de arte escrita e que conta com o poder de uma boa imaginação, sem ter a seu favor o recurso da imagem, da cor e outros. Além disso, o consumo de livros no Brasil é baixíssimo.

Isso tudo não acontece em um contexto isolado. Desde a colonização sofremos um processo cruel de segregação das camadas sociais, o qual permitiu (e ainda permite) a alguns, não só o acesso,

¹ A citação encontra-se no livro *A palavra no purgatório* - Literatura e Cultura nos anos 70. São Paulo: Boitempo, 1997.

mas a detenção dos produtos culturais eruditos, e legou a outros, de maneira tirânica, apenas uma parte da cultura, a qual chamou pejorativamente de popular.

Alguns teóricos, como Antonio Candido, dizem que as camadas populares não lêem os clássicos porque não têm oportunidade de tê-los nas mãos. E mais, que “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. (1995) Assim, a literatura propicia vivenciarmos e debatermos o nosso tempo, à luz de vivências anteriores, buscando explicações nem sempre possíveis. Como explicar, por exemplo, as chacinas colonialistas que dizimaram nações indígenas inteiras? Com quais explicações justificar a escravidão negra? É possível termos uma dimensão aproximada do holocausto? Do NAPALM jogado sobre as florestas do Vietnã? Dos estupros, dos choques, das unhas arrancadas nos porões da ditadura? Mas há algo na literatura que possibilita o choque e a reação: o efeito estético. Aqui evocamos novamente Antonio Candido, “... nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco.” (1995)

Foi por perceber tal “periculosidade” que a parte da sociedade que detém o conhecimento erudito sempre procurou afastar as camadas populares do contato com as obras de arte literária. Pois o livro, enquanto representação artística possui a propriedade de sensibilizar, gerar conflitos e desencadear reações. Por isso, “Ao reinventar, simular, imaginar, construir o real, a produção literária gera, determinadas vezes, um conhecimento particular e que contribui para o desvendamento da essência mesma do processo histórico brasileiro”. (SEGATTO, 1999:219). É esse desvendamento que torna o livro perigoso. Então, a solução é não permitir que objeto tão ameaçador circule livremente nas mãos de babás, mecânicos, garis, encanadores, pedreiros, garçonetes e toda a sorte de gente que faz parte das camadas populares.

Ainda segundo Antonio Candido (1995), quando nos apropriamos da poderosa força da palavra organizada, nos tornamos mais capazes de ordenar nossa mente e sentimentos; e, conseqüentemente, mais capazes de organizar a visão de mundo que temos. Atrevo-me a acrescentar um vocábulo a mais: **verbalizar**. Sim, pois apropriados do instrumento que facilita nossa ordenação mental e nossa visão de mundo podemos, com maior habilidade e clareza, verbalizar impressões, externar opiniões e tomar posicionamentos. Assim, torna-se possível transformar as informações em conhecimento através da elaboração, porque os sentimentos passam de um estado emotivo para um estado de construção, funcionando como mola propulsora para o querer mais.

Então, as pessoas que nunca leram Dante, Shakespeare, Zola, Fernando Pessoa ou Machado de Assis, quando têm oportunidade de tê-los nas mãos, manuseá-los e efetuar sua leitura, encantam-se com esse algo nunca visto. É que o poder da fruição pode ser alcançado por qualquer ser humano, independentemente de nível social.

Experiências² feitas em diferentes épocas e lugares comprovam que a boa literatura tem alcance universal e que condição econômica não é pré-requisito para sensibilidade e percepção. As minorias que possuem as condições para adquirir obras literárias nem sempre têm capacidade de apreciá-las, visto que muitas vezes adquirem livros por vaidade ou por simples questão numérica. Esta é uma atitude prepotente e esnobe, uma vez que denuncia a falta de interesse real pela literatura.

Propus-me, entretanto, a tecer considerações entre as camadas populares e os clássicos. Penso que para tal propósito nada melhor do que experiências vivenciadas. Foi pensando a respeito do que escreveu Antonio Candido que em 2000 iniciei algumas observações em uma turma de Ensino

² Descrição mais minuciosa de tais experiências encontra-se no texto *O direito à literatura* de Antonio Candido, no livro **Vários Escritos**.

Fundamental, mais precisamente a 7ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raul Oliveira, localizada no loteamento Cruzeiro do Sul, Santa Rosa - RS.

O PRIMEIRO IMPACTO

É estranha a sensação de perceber que o efeito estético choca o ser humano quando traduz em palavras os atos que lhe são cotidianos. Ao trabalharem com o conto *A causa secreta* de Machado de Assis, o que mais chamou a atenção dos alunos foi a crueldade de Fortunato. Seria natural não fora tal elemento rotineiro em suas vidas. Depois, a partir de leituras de textos de Poe e Fernando Pessoa, algumas alunas, (somente meninas), passaram a solicitar outros livros dessa natureza. E aí foi a vez de Shakespeare, Álvares de Azevedo e Nelson Rodrigues. As opiniões externadas revelaram o deslumbramento, no melhor sentido da palavra, que as narrativas exerceram. Um novo mundo se descortinou e a busca de outras leituras veio como um turbilhão. O resultado pode ser observado na formulação de textos e na facilidade em externar opiniões. O que pode ser comprovado na opinião que a aluna Fabiane Martins emitiu após termos trabalhado com a reportagem *Infância escravizada*³, o texto *Órfãos da colheita*⁴ e o livro de fotos *Terra* de Sebastião Salgado:

Esse tipo de coisa é como aqueles problemas que surgem em nossas vidas e que a gente não pode resolver. A gente sabe que existe, mas

³ A reportagem foi publicada na revista Marie Claire – Maio/1996.

⁴ Texto escrito por Gilberto Dimenstein.

acha melhor fingir que não existe para viver melhor e sem preocupações com um problema que eu não posso resolver.

A fascinação exercida pelo texto literário é tão impactante quanto à constatação do processo excludente das camadas populares. Ao longo da nossa história somente foi permitido o acesso da população segregada a uma parcela mínima da cultura, pois a mesma, sem acesso aos bens materiais necessários para a sobrevivência, precisa abandonar os bens espirituais para prover o sustento do dia a dia. Antonio Candido (1995), ao discorrer a respeito de literatura e Direitos Humanos, em seu artigo *O direito à literatura*, afirma que os pobres e mesmo os analfabetos recebem os bens culturais com uma sofreguidão comovente e que o preconceito é revoltante. A sofreguidão a que se refere Antonio Candido é a avidez que pude constatar nos constantes pedidos de empréstimo de livros. Ler mais, saber mais, perguntar mais... tudo é superlativo para quem não tem acesso e percebe uma porta se abrindo.

Neste contexto, é possível dizer que o primeiro impacto provoca o choque de conceitos pré-estabelecidos pela tradição, que ainda encontram eco em muitos defensores, os quais dão conta de que a grande massa numericamente predominante não é capaz de entender e absorver obras literárias consagradas. Entra-se aí no engano do discurso fácil que preconiza uma “literatura simples”⁵ para a massa, uma vez que ela é incapaz de compreender algo mais elaborado.

Assim, de maneira profundamente antagônica, vivenciei a convivência entre o temor e a satisfação. Ainda bem que a segunda se sobrepôs ao primeiro.

⁵ Defini como “literatura simples” aquela que, desprovida de profundidade, não provoca qualquer tipo de inquietação em quem a lê.

RESULTADOS (IM) PARCIAIS

“O Estado no Brasil, independentemente das formas e composições que assumiu nos diferentes momentos e períodos (...) tem ao longo da história uma característica essencial comum: de se impor autoritariamente sobre a sociedade civil”. (SEGATTO, 1999:202). Com esse cenário, não é de se estranhar que as camadas populares tenham permanecido aliadas do processo cultural, pois a um Estado autoritário e coercitivo só interessa exercer o seu domínio através dos mecanismos que forem necessários: repressão, manipulação ou cooptação.

O acesso aos diferentes níveis de cultura possibilita confrontar pontos de vista distintos e estabelecer critérios que mantêm ou rompem com aquilo que está estabelecido, mas que de qualquer forma proporciona a multiplicidade de idéias. Do ponto de vista autoritário isto é muito perigoso porque faz pensar e questionar a estratificação social, levando os indivíduos a buscarem soluções coletivas. Nesse processo, ler ou não ler faz a diferença para a mudança da sociedade. Preterir as camadas populares é manter e justificar uma separação iníqua.

Os resultados apresentados pelos alunos que compunham o grupo comprovam a capacidade de sensibilização que a arte literária tem apesar de estar inserida em uma sociedade excludente e repressiva, pois “A experiência do autoritarismo no século XX caracteriza uma forma radical de enfrentamento da posição agressiva do Estado com relação aos indivíduos. Violência, massacres coletivos, difusão e naturalização de preconceitos, atitudes conservadoras e reacionárias foram decisivas para a consolidação da política autoritária contemporânea”. (GINZBURG & KETZER, 2000). Apesar

do preconceito e do autoritarismo vigente no meio em que vivem, a produção de textos e a recepção de obras literárias por parte do grupo de alunos cresceu de forma vertiginosa.

Foram feitas as leituras seguintes: *A via crucis do corpo* - Clarice Lispector; *A rosa do povo* - Carlos Drummond de Andrade; *A mensageira das violetas* - Florbela Espanca; *Família Brasil* - Luís Fernando Veríssimo; *Contos* - Machado de Assis; *Contos Universais* - Vários; *Relatório Azul* - Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do RS.

Como pode ser percebido, um repertório eclético que atendeu a diferentes interesses. No entanto, os resultados podem ser percebidos na “leitura de mundo”, (plagiando Paulo Freire), que a produção escrita dos alunos retratou. Os fragmentos a seguir foram extraídos de textos produzidos pelo grupo após trabalharmos prosa com a leitura dos livros *O pêndulo do relógio* - Charles Kiefer e *Açúcar Amargo* - Luiz Puntel; e poesia com *Soneto de Fidelidade* - Vinicius de Moraes e *A Serra do Rola-Moça* - Mário de Andrade.

(...).

“É direito e é dever

Viver, saber, aprender

Morar, beber e comer ”

(...)

(Lidiane Borchate - 14 anos)

(...) queria que a vida fosse

um pãozinho doce
mas é um café amargo.
Vida como eu te quero!
Vida é bonita e gostosa
cheira fruta madura e perfume de rosa.
Uma pena que para muitos
ela exista só em prosa.”

(Sérgio Nei Pinto - 14 anos)

(...)

Tem tanta gente roubando,
E até matando,
Às vezes eu fico pensando
Será que estão vivendo?

(Daiane Franciele do Rosário - 12 anos)

Adão e Eva

Dois amantes,	Da maçã proibida
Descontrolados	Mastigada
em um ambiente.	e engolida

Restaram duas pessoas
adormecidas
De uma costela
se tornaram
Homem e mulher
Mancebo e donzela
Do sono profundo
despertaram
e nesse grande amor
se amaram.

(Leomir Neis – 14 anos)

A realidade criada ou recriada, inventada ou reinventada artisticamente (SEGATTO, 1999), tem a propriedade de impressionar por meio de imagens sensíveis e essa sensibilização conduz a reflexões decisivas sobre conceitos de ética e consciência, inclusive com respeito à capacidade de recepção e produção das camadas populares. Que o diga os textos produzidos pelos alunos. Eles falam por si mesmos.

A PRODUÇÃO DOS EXCLUÍDOS DOS BANCOS ESCOLARES

Em maio de 2001, iniciei meu trabalho na EJA – Educação de Jovens e Adultos, atualmente Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular Paulo Freire. Nenhum educando e nenhuma educanda com menos de 15 anos e o máximo de...bem, máximo não tem. A pessoa pode chegar quando quiser, com 20, 34, 45, 57...e, como escreve o seu José Martins, 55 anos:

“Pode se chegar nesta escola
de pasta, bolsa ou sacola”

Os conhecimentos trocados com esta “gurizada medonha”⁶ é um energético poderoso, de efeito cascata, impulsiona a produzir mais e mais, buscando sempre novos desafios. Assim, como já havia feito com os alunos da 7ª série, comecei por fazer leituras para eles: *Primeiras Estórias* – Guimarães Rosa; *O livro dos abraços* – Eduardo Galeano; *Antologia fundamental* – Pablo Neruda; *Contos* – Machado de Assis; *A rosa do povo* – Carlos Drummond de Andrade; *O coração delator* – Poe; *Comédias para se Ler na Escola* – Luís Fernando Veríssimo. Seduzidos! Os livros começaram a sumir das prateleiras da nossa pequena biblioteca.

Arnaldo, lendo Fernando Pessoa; Nerci, Eça de Queiroz; Juliano, Neruda (em Espanhol); Érica, Florbela Espanca; Luiza, Clarice Lispector; Naira, as crônicas de Fernando Sabino, Drummond, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga; Miguel, *Cuentos Araucanos* – Alicia Morel; José, o cordel de Ferreira Gullar e Patativa do Assaré; Camilo, Mário Quintana... paro a lista por aqui, pois é muita gente.

O poder de fruição, referido pelo mestre Antonio Candido, é uma febre que brota das entranhas e sobre a qual ninguém tem poder de controle. Esses educandos e essas educandas são agricultores,

⁶ Expressão do vocabulário gaúcho empregado para designar pessoas perspicazes, de raciocínio rápido, de uso corrente em outros lugares do Brasil.

vigilantes, encanadores, donas de casa, serventes, balconistas, industriários e muitos outros(as) profissionais. Um grande número abandonou a escola porque precisava trabalhar ou porque “Mulher não precisa estudar. Você já aprendeu a ler, escrever e fazer umas continhas, já chega.” Agora, voltam ao convívio com a educação escolar e seus olhos brilham e o sorriso se alarga cada vez que a gente chega. Querem mais, as aulas são curtas, os colegas demoram para ler os livros, “Não queremos férias”, “Feriado? De novo?”

Minha paixão poderia seguir escrevendo por páginas e páginas, mas vou deixar que a poesia do seu Camilo fale por mim:

AULA DE LEITURA

A leitura é muito mais
Do que decifrar palavras
Quem quer parar para ver
Pode até se surpreender

Vai ler nas folhas do chão
Tanto no inverno como no verão
Nas ondas soltas do mar
Em um barco da vida
Que está a naufragar

Vai ler na face de um lutador
Enquanto luta pela vida
Lendo o livro do mestre
Descobre como é bom viver a vida

Vai ler no pêlo do cachorro
Vai ler nas nuvens do céu
Vai ler na palma da mão
Se é hora de gritar socorro

A leitura está a sua espera
Na biblioteca do NEJA
Lendo com atenção e calma
Sua vida mudará, com certeza

Experimentar a linguagem literária precisa passar pela vivência concreta do/a leitor/a, precisa dar prazer, despertar o lúdico e, através da fruição, provocar a construção e destruição do texto. É preciso ler e fazer literatura para silenciar os silêncios. Ou como escreveu Ezequiel Theodoro da Silva (1990), “Há que se ler literatura para romper o silêncio, desentrevando, azeitando e retro-alimentando

os sentimentos e a inteligência do mundo. A fruição de um bom romance é como a produção de uma escultura em mármore: trans-forma, fica.”

Como foi dito anteriormente, ler ou não ler faz a diferença, pois é na relação dialética de construir e destruir que o/a leitor/a faz seus acréscimos e é acrescido. A lógica da hermenêutica funciona. E muito bem, obrigada. Hoje, nos instigamos mutuamente e crescemos nessa relação dialógica.

A PRETEXTO DE CONCLUSÃO

“Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. (CANDIDO, 1995: 263). Privar as camadas populares do acesso aos clássicos literários e às leituras polêmicas é uma atitude violenta, autoritária e prepotente, pois pressupõe a supremacia de uma parte da sociedade sobre a outra. O que faz com que a grande massa não leia, não é a incapacidade, é a privação. Portanto, é de um cinismo atroz dizer que pobre tem que ler “água com açúcar” porque, coitado! não consegue entender, por mais que se esforce. Para repetir Antonio Candido, “...é revoltante o preconceito...”. Aproprio-me das palavras proferidas por Oded Grajew, presidente da Cives, por ocasião de sua conferência durante o 1º Fórum Social Mundial em Porto Alegre: “Se nós não acreditarmos que é possível transformar o mundo através das nossas atitudes, então podemos encerrar o Fórum porque outro mundo não é possível.”

A propósito, e para concluir, a revista *Caros amigos – literatura marginal – ato II* publicou um texto intitulado *Uma carta em construção*, escrito por José Rocha Albuquerque, do qual transcrevo os primeiros parágrafos:

Há algum tempo escrevo poemas com as mesmas mãos com que trabalho de ajudante de pedreiro.

Pra muita gente pode parecer exótico, pode parecer surreal. Mas o que tem de estranho? Pobre não tem sensibilidade? Não pode escrever, desenhar, pintar, interpretar?

Ousar! Esta é a palavra. Sensibilidade não escolhe proveniência social. Negar às camadas populares o direito à inclusão através da leitura é negar às pessoas a condição de seres de vontade, instigadas pelos fenômenos da vida, é privá-las do acesso à apropriação da palavra como construção da identidade.